

'Indignai-vos' é um panfleto escrito por um veterano da Resistência francesa, co-redactor da Declaração Universal dos Direitos do Homem que, aos 93 anos, vem pedir aos mais jovens que se indignem e se revoltam. Em França o livro vendeu 2 milhões de exemplares. Já tem tradução em Portugal (ed. Objectiva)

“Estamos no limiar de um mundo novo”

IOANA EMÍDIO MARQUES

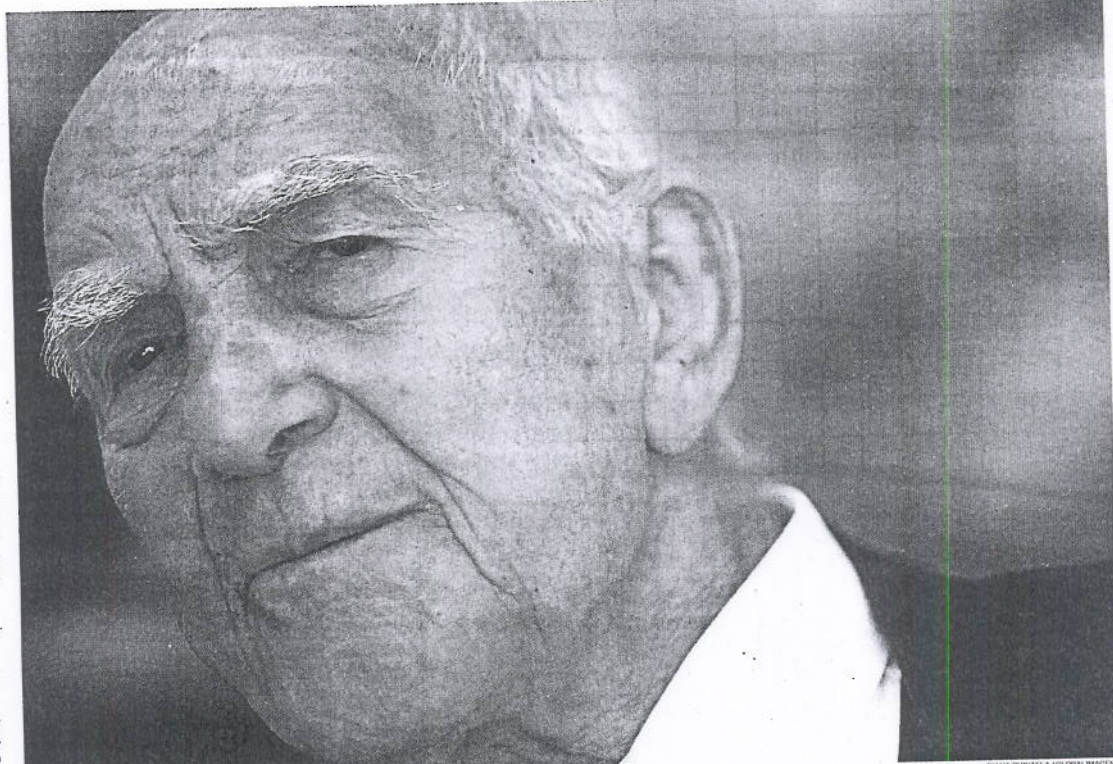
A primeira vez que Stéphane Hessel, judeu, 93 anos, veterano da Resistência francesa e co-redactor da Declaração Universal dos Direitos do Homem, esteve em Portugal foi em 1941 antes de seguir para Londres, onde se juntou ao general De Gaulle. Agora, no Instituto Franco-Português, aponta a janela, olha de novo para a luz de Lisboa e evoca essa estadia: “Eu tinha passado um mau bocado e aqui tudo me parecia tão encantador, tão tranquilo. Depois, houve a revolução do 25 de Abril. Sempre que penso em resistentes, penso nos portugueses”, diz, na sua nova vinda a Lisboa para promover *Indignai-vos*. A guerra e a passagem por três campos de concentração não o tornaram um homem cínico, mas amável, inquieto e angustiado com a existência e a humanidade. A obra, que em França já vendeu 2 milhões de exemplares, foi lançada pela Objectiva e já vai na terceira edição.

Quando, em 2010, escreveu o opúsculo *Indignai-vos*, em que exorta os jovens a fazerem uma revolução pacífica, o que esperava conseguir com ele?

Não esperava este sucesso. Mas devo-o também à editora da Indigène. Foi ela que escolheu o título do livro porque achava que o livro precisava de um título forte. *Indignez-vous* foi então o que ficou. Mas escrevi o livro porque a França não está a viver um bom momento. Aliás, o mundo está em contracção negativa desde 2001, da queda das torres gémeas em

Nova Iorque e os governos de George W. Bush. Então eu pretendia que este panfleto chegasse aos jovens para lhes dar simultaneamente um empurrão e a confiança para lutarem contra aquilo que está mal. As minhas palavras vieram no momento certo. Até no Japão o livro tem sido lido por milhares de pessoas.

Há um mal-estar social e individual que atravessa o mundo? Estamos no limiar de um mundo novo. Não de um admirável mundo novo como falava Aldous Huxley, mas de uma nova forma de cidadania. A última década foi de retrocesso social devido ao poder dos lobbies financeiros e à forma como os governos se deixam trucidar por eles. Sempre que



Stéphane Hessel esteve em Lisboa para promover o seu livro que, desde há dois meses, é um dos mais vendidos em Portugal

se tenta progredir no desenvolvimento social os mercados vêm e impedem que se faça alguma coisa. Pensa que a situação económica e financeira de Portugal neste

momento se deve a essa conjuntura que descreve?

Sinto muita pena da situação portuguesa. Penso que a União Europeia foi muito injusta com Portugal. Ontem, tomei o pequeno almoço com Mário

Soares e ele dizia que precisamos urgentemente de uma Europa mais forte e mais unida. Eu concordo com isso. Por isso, no meu livro eu falo em indignação, mas falo sobretudo na necessidade de compromisso e empenhamento dos cidadãos e dos governos. Não pretendo dar lições, apenas lembrar que é possível resistir, mudar as circunstâncias desfavoráveis. **Acredita que os jovens de hoje, educados para serem consumidores individualistas, vão abdi-**

car do seu conforto para se baterem pelos mais desfavorecidos? Nunca são as maiorias que mudam o mundo, mas as minorias fortes. Não acho que todos jovens sejam capazes de se comprometer. Mas haverá pequenos grupos que percebem que há soluções até para os problemas que parecem mais insolúveis. Eu diria também aos jovens para lerem Edgar Morin e Fernando Pessoa e passarem a fronteira do mundo que já não nos serve para um novo mundo. Como viu as recentes transformações nos países árabes?

Eles são um exemplo de que não podemos deter-nos perante os obstáculos. Já fui à Tunísia depois da revolução. As pessoas vinham ter comigo com o meu livro na mão. Para mim, estas revoltas são um sinal claro de um mundo em mudança.

Em França foi acusado de escrever este livro apenas para ajudar o Partido Socialista a subir nas intenções de voto...

Os grupos judeus acusam-me de anti-semita. Outros apontam-me

ENTREVISTA STÉPHANE HESSEL

Escritor e ex-diplomata

↳ Nasceu em Berlim em 1917, mas França foi a sua pátria de acolhimento. Judeu de origem polaca, é filho de Helen Grund e Alfred Hessel, o casal de intelectuais cuja história amorosa inspirou François Truffaut para o filme *Jules e Jim*. Combatente na Resistência francesa, passou por três campos de concentração: Dora, Rottleberode e Buchenwald. Depois da guerra participou na redacção da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Foi embaixador, escritor e declamador de poesia. O poeta irlandês Yeats está entre os seus favoritos. É fervorosamente militante a favor da causa palestina, pois, embora defenda a criação do estado de Israel, não concorda com as políticas seguidas pelos seus governos.

querer ajudar a esquerda. Mas eu não quero ajudar a esquerda; o que eu quero mesmo é uma nova esquerda. Uma esquerda que não exclua as pessoas, mas seja capaz de as atrair para a política. Que seja inventiva e restaure os mais profundos valores da democracia. Esta esquerda que temos, infelizmente, deixou-se esmagar pelos poderes financeiros e está de mãos atadas.

Como judeu, com passagem por campos de concentração nazis, o que acha da atitude do Governo francês de retirar o cinquentenário da morte do escritor Louis-Ferdinand Céline das comemorações nacionais?

Não concordo com isso. Mas, infelizmente, o *lobby* judaico tem muita influência junto do Governo. Céline era um escritor genial e acho mesmo que todos deviam ler *Bagatteles pour un massacre*, a sua obra mais abertamente anti-semita, para compreenderem bem aquele tempo. É estúpido querer banir qualquer livro porque não concordamos com ele.